

Memórias de Tia Jan Macedo: mãe, professora e catequista**Memories of Aunt Jan Macedo: mother, teacher and catechist****César Evangelista Fernandes Bressanin¹****Jocyléia Santana dos Santos²****Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida³**

20

Resumo: O artigo narra a trajetória de vida, as experiências de docência e a atuação da educadora conhecida como Tia Jan, Jan Macedo Teixeira. Mãe, professora e catequista em Porto Nacional -TO, ocupou os diversos lugares do educar, na família, na escola e na comunidade católica. A pesquisa utilizou os procedimentos metodológicos da História Oral, realizando entrevistas, coletando documentos, fotografias e arquivo pessoal para revelar os percursos históricos percorridos por Tia Jan em sua trajetória docente, especialmente nas décadas de 1960, 1970 e 1980 no antigo norte goiano, atual Tocantins.

Palavras-chave: Memórias docentes; Porto Nacional; Tocantins, História oral.

Abstract: The article narrates the life trajectory, the teaching experiences and the performance of the educator known as Tia Jan, Jan Macedo Teixeira. Mother, teacher and catechist in Porto Nacional -TO, she occupied the different places of education, in the family, at school and in the Catholic community. The research used the methodological procedures of Oral History, conducting interviews, collecting documents, photographs and personal archives to reveal the historical paths taken by Tia Jan in her teaching career, especially in the 1960s, 1970s and 1980s in the former north of Goiás, currently Tocantins.

¹ Pós-doutorando em Educação (UFT). Doutor em Educação (PUC-GO). Mestre em História (PUC-GO). Historiador e Pedagogo. Membro do DGP EHMCES/HISTEDBR (PUC-GO). Membro do NEUCIDADES (UFT). Técnico em Assuntos Educacionais na UFT. E-mail: kaeserevangelista@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1221-2353>

² Pós-doutora em Educação. Doutora em História. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE/UFT. Coordenadora do Polo Tocantins do Doutorado em Educação na Amazônia (PGEDA). E-mail: jocyleiasantana@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2335-121X>

³ Doutora em História Cultural (UNB). Mestre em História e Filosofia da Educação (UNICAMP). Pedagoga (UCG/PUCGO). Ex-profa. Adjunta FE/UFMG. Professora Adjunta da PUC Goiás/PPGE. Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura. Líder do DGP EHMCES/HISTEDBR (PUC-GO). E-mail: zeneide.cma@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2220-9932>

Recebido em 22/04/2022

Aprovado em 28/05/2022

Sistema de Avaliação: Double Blind Review



Keywords: Memories of Teacher; *Porto Nacional*; Aunt Jan; Catechist.

Introdução

A História da Educação é construída por múltiplos olhares. Olhar da Escola, dos professores, dos alunos, da sociedade em geral. Destaca-se um olhar em especial, a educadora com sua história pessoal e profissional com caráter individual e imbuído de subjetividades. Por isso, narra-se a trajetória docente de Jan Macedo Teixeira, uma educadora que vive em Porto Nacional, nos rincões do antigo norte goiano, atual Tocantins.

Educadores gostam de relatar memórias, sonhos e vivências educacionais. Sendo assim o projeto “Memórias e histórias de vida de educadores e educadoras do século XX em Porto Nacional-TO” tem a primeira entrevista esboçada neste artigo. Procura-se desvelar os caminhos trilhados por Jan na cidade de Porto Nacional, culturalmente conhecida pelos colégios católicos, pelos jornais, pela música, por sua Catedral, construção do final do século XIX, enfim pela influência cultural francesa.

A cidade de Porto Nacional tem origens que remontam ao final do século XVIII. Localizada à margem direita do rio Tocantins que, em sua circunscrição se transformou em lago, em razão da construção da Usina Hidrelétrica do Lajeado no início do século XXI e alterou completamente sua paisagem ribeirinha. Ela é uma cidade de títulos significativos, ao longo do século XX, como “Rainha do Norte e Princesa do Sertão” (OLIVEIRA, 2010, p. 95), “oásis no sertão” (CAIXETA, 2011, p. 45) e “capital cultural do norte de Goiás” (MESSIAS, 2012, p. 24).

Porto Nacional abrigou por mais de cinco décadas (1886-1944) o Convento Santa Rosa de Lima dos frades franceses da Ordem Dominicana, dedicados à missão evangelizadora e cultural do local e da região (BRESSANIN, 2017) e acolhe, desde 1904, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, mantenedoras do Colégio Sagrado Coração de Jesus (DOURADO, 2010), onde funcionou a primeira Escola Normal de toda a região do antigo norte goiano que recebeu estudantes do Piauí, Maranhão, Bahia e Pará.

O município de Porto Nacional deu origem a tantos outros no processo emancipatório e expansivo do estado do Tocantins, a partir da Constituição Federal de 1988. Ela é uma cidade expressiva no campo educacional em razão das instituições educativas que se solidificaram ao longo do tempo e de tantos professores e tantas professoras que deixaram algum legado, ainda escondido em memórias que precisam emergir. De fato, a memória e a história de vida de

educadores (as) desta cidade, incluindo suas histórias profissionais, constitui-se uma riqueza a ser explorada.

De maneira específica, este artigo aborda as memórias e a história de vida de Jan Macedo Teixeira, mãe, professora e catequista em Porto Nacional, conhecida por todos da cidade e da região, como Tia Jan.

Metodologicamente, a investigação que se apresenta é norteada pelos pressupostos teóricos-metodológicos da História Cultural, que tem como seu objeto “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17) e pelos procedimentos da História Oral (MEIHY, 1996; MEIHY; RIBEIRO, 2011) que busca fontes para a reconstrução da memória, ampliando os significados dos documentos escritos, tornando-se assim, um "documento importante para aprofundar a discussão e suas diferentes versões, interpretações e representações (...) sobre seu passado, suas experiências (...)" (ALMEIDA, 2009, p. 33).

Vida e memórias de professores

Na obra *Vida de Professores*, Antônio Nóvoa (1995), analisa que as trajetórias docentes, por um longo tempo, foram consideradas um "paradigma perdido" das pesquisas em educação. No entanto, segundo ele "não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana" (NÓVOA, 1995, p. 7).

Conforme Abrahão (2004) a partir da visão de Derouet (1988)

A identidade profissional de professores é uma elaboração que perpassa a vida profissional em diferentes e sucessivas fases, desde a opção pela profissão, passando pela formação inicial e, de resto, por toda a trajetória profissional do professor, construindo-se com base nas experiências, nas opções, nas práticas, nas continuidades e descontinuidades, tanto no que diz respeito às representações, como no que se refere ao trabalho docente concreto (ABRAHÃO, 2004, p. 15).

A História da educação pesquisa “os professores, a profissão docente e as práticas de ensino” (NÓVOA, 1995, p.70) enumera os métodos de aprendizagem e a cultura escolar vivenciada:

[...] não é possível escrever a história da educação sem passar por aqueles que a fizeram e a pensaram. Tentativa arriscada? Sem dúvida, pois são grandes os perigos de uma narrativa "romanceada", alimentando percursos "gloriosos", à maneira das epopeias dos "grandes educadores". Tentativa indispensável? Também, porque hoje em dia a interpretação histórica não pode pôr entre parêntesis a experiência das pessoas, as suas vidas e as suas trajetórias profissionais. Tentativa sucedida? Como sempre acontece em obras deste gênero, há capítulos mais conseguidos do que outros, textos que mantêm a coerência da interpretação enquanto outros tendem mais a "celebrar" do que a "compreender" [...] (NÓVOA *apud* ABRAHÃO, 2004, p. 8).

Assim, torna-se desafiador e arriscado, mas ao mesmo tempo relevante trazer à tona a riqueza das memórias e das histórias de vida de professoras e professores que, muitas vezes no anonimato de suas salas de aula, proporcionaram a emancipação a inúmeros estudantes e guardam expressivas experiências da profissão docente.

Ao dar significado as práticas e experiências de educadores(as) enfatiza-se a reconstrução da memória de um segmento social que não pode perder suas referências identitárias, muitas vezes tragadas pelos processos de esquecimento, próprios de uma sociedade de massas, totalmente líquida e indiferente (BAUMAN, 2001).

Nem sempre os saberes dos professores foram aproveitados para a formação docente na academia visto que eram considerados de segunda ordem (TARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1991). Entretanto, novos pesquisadores como NÓVOA (1992; 1995), SCHÖN (1992), PÉREZ-GÓMEZ (1992), GARCIA (1992) e PERRENOUD (1993) evidenciam o valor de se trazer estes saberes como fortes contributos à formação docente quer inicial ou continuada. Assim, as pesquisas desenvolvidas por HUBERMAN (1995), GOODSON (1995) FINGER (1988) e NÓVOA (1992;1995), entre outros, considera a imensa riqueza de experiências que brotam a partir das reflexões que os professores fazem de seus conhecimentos, práticas e vivências.

O historiador da educação tem o dever de revelar os processos educativos, as memórias escolares e a cultura, dando visibilidade a objetos, coisas, fatos, artefatos, e pessoas na sociedade, sem desconhecer o tempo presente, nem as perspectivas futuras, da conjuntura sociopolítica fragmentada e instável.

Procurou-se trazer à tona as especificidades das histórias de vida e das memórias de educadores. Portanto, a memória individual está latente ao mesmo tempo que a coletiva enquanto “um fenômeno construído” (POLLAK 1992, p. 204), visto que

[...] o registro da vida dos professores [e de suas memórias], de suas maneiras de ser e ensinar, situa-se neste campo movediço em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e o mundo social, as instituições e os diferentes atores, grupos e conflitos sociais que fazem parte de suas trajetórias (FONSECA, 2006, p. 35).

Do mais, o que aqui se alvitra busca dar maior visibilidade à profissão docente na escrita da história da educação regional, pois

As investigações pedagógicas, que até pouco tempo insistiam em estudar a educação, a escola e o ensino, ignorando o professor, hoje tentam colocá-lo no centro dos debates. Isso decorre de uma questão óbvia: não há educação ou ensino sem professor, e o professor é uma pessoa (FONSECA, 2006, p. 43).

Biografia de Jan Macedo Teixeira

Jan Macedo nasceu no dia 03 de fevereiro de 1936 em Porto Nacional. Suas origens estão vinculadas à tradicional família Macedo que há algumas gerações reside em Porto Nacional. Quinta filha do casal José Pereira de Macedo e Fany de Oliveira Macedo que teve 19 filhos. Irmã de Jurivê (*in memorian*), Jandovir (*in memorian*), Jani (*in memorian*), Jackson (*in memorian*), Jano (*in memorian*), José, Jasmelino (*in memorian*), Jamil, Jurimar, Jairo (*in memorian*), Fany, Josalia (*in memorian*), João, Josemar (*in memorian*), Jales (*in memorian*), Serafina (*in memorian*), Paulo (*in memorian*) e Tânia, adotada pelo casal.

Jan era considerada bonita para os padrões da terra onde a maioria era mulata. Tinha a tez e olhos claros. Passou sua infância sob os cuidados dos pais que a criaram com muita seriedade e rigidez, tendo o necessário para viver adequadamente, sem muito luxo e exageros, com o espírito de estudo e trabalho nos afazeres de casa. Aprendeu a costurar e bordar com sua mãe, que também era professora e esteve diretora da primeira escola pública de Porto Nacional, o Colégio Dom Pedro II.

Foi neste colégio que Jan fez o curso primário. Sua mãe foi sua professora em algumas ocasiões, pois era diretora do colégio, na falta de alguma professora, não deixava os alunos sem aula. Fez o Exame de Admissão, passou com certa facilidade e continuou os estudos no Colégio Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs Dominicanas, onde fez, também, o curso magistério

Jan Macedo, desde criança, incentivada pelos pais, especialmente por sua mãe, gostou de participar e de dedicar-se às missas e procissões, típicas da religião católica. Pertenceu à Pia União Filhas de Maria⁴. Na adolescência, por incentivo do padre Lázaro, tornou-se catequista das crianças menores e, sem saber muita coisa de bíblia ou da doutrina, ensinava a rezar o Pai-nosso, a Ave-Maria e fazia teatros e corais com as crianças, seja na Igreja como em sua casa (RIBEIRO; MUTA; SILVA, 2007).

Ainda jovem, com vinte anos, casou-se com Jesus Teixeira no ano de 1956 e passou a assinar o nome de Jan Macedo Teixeira. Teve cinco filhos, Conceição, Pedro (*in memorian*), Rosa, Rildo, Wilka e Jan. Viveu tempos difíceis em seu casamento marcado por incompreensões do esposo que a deixou após 13 anos de vida conjugal, em 1969.

Eu já tinha quase 33 anos quando meu esposo resolveu sair de casa me deixando em casa de aluguel com seis crianças, a mais velha com doze anos a mais nova com um ano e 8 meses. Fiquei apenas com um salário de professora primária. Passei a ser pai

⁴ “Grupo de mulheres leigas católicas as quais tinham por devoção a Virgem Maria. As associadas trajavam sempre uma roupa branca, a cabeça era coberta por um véu e ostentavam no pescoço uma fita azul da qual pendia uma medalha com a imagem de Nossa Senhora. Se reuniam mensalmente e tinham por obrigações ações caritativas” (SOUZA, 2010, p. 1).

e mãe, aumentando a minha responsabilidade e preocupação pois eram seis bocas inocentes para comer. Não fiquei triste, não desanimei e nem me acomodei. Feliz com meus filhos, fui à luta [...] (TEIXEIRA, 2022).

Com os filhos pequenos e sem muitas condições financeiras para criá-los, foi amparada pelos pais, irmãos, familiares e amigos. Seguindo os passos de seus pais, adotou uma filha, a Suzana, depois de dez anos de ter ficado sozinha. Jan soube fazer do sofrimento e das penúrias, relatados durante a entrevista, mas que não serão expostas neste texto, um caminho de possibilidades para sua vida. Foi resiliente, capaz de recuperar-se, de fazer frente e lidar positivamente com as adversidades (TABOADA et all, 2006).

Jan Macedo Teixeira é conhecida na cidade de Porto Nacional por Tia Jan, senhora dedicada aos seus filhos, professora e diretora de escola e como catequista. Passou a ser chamada como Tia Jan na catequese pelos catequizandos e suas mães, conforme relatou. Atualmente, ela está com 86 anos de idade e, em razão de uma fratura no fêmur em setembro de 2021, passa o maior tempo de seus dias em casa, sempre com o rosário na mão, recebendo visitas dos familiares, amigos, amigas da Igreja, ex-alunos e ex-catequizandos. Mergulhada em suas lúcidas lembranças de uma vida ativa repetiu inúmeras vezes durante as entrevistas, “tudo o que fiz foi com muito amor e fazia tudo de novo” (TEIXEIRA, 2022).

Trajetórias de ensinar e servir

Tia Jan Macedo Teixeira fez o curso Magistério no Colégio Sagrado Coração de Jesus e começou a lecionar em 1961, neste mesmo colégio. Sua mãe, Dona Fany, havia se aposentado como professora em 1960, mas não deixou de dar aulas particulares em casa. No início de 1961, Madre Norbertina, diretora do Colégio Sagrado Coração de Jesus foi conversar com o pai de Tia Jan, para que ele autorizasse dona Fany a ser professora no Colégio das Irmãs. Seu José não aceitou e alegou o cansaço após longos anos de docência e as aulas particulares ministradas em casa pela esposa. Como era o esposo quem tudo definia, dona Fany rejeitou o convite. Sem delongas, o olhar de Madre Norbertina se colocou sobre a filha da exímia professora Fany, a Jan que já era casada e mãe. Ao convite da diretora, Jan não hesitou e foi lecionar no Jardim de Infância do colégio das freiras. Apesar de sua paixão pelo ensinar e estar com as crianças, enfrentou resistências de seu esposo, mas a necessidade financeira era maior, sendo assim ajudou o orçamento familiar com o pequeno salário de professora (RIBEIRO; MUTA; SILVA, 2007, p. 91).

Jan foi a primeira professora não religiosa do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Até o ano de 1960, somente as freiras dominicanas eram professoras do pré-escolar ao segundo grau

na instituição. O crescimento do colégio, com o aumento do número de alunos e turmas, exigiu que as educadoras anastasianas-dominicanas fossem em busca de outras mulheres para o ofício de ensinar. A preferência foi dada às ex-alunas que já conheciam a filosofia, o ritmo e as exigências do colégio católico. Desde então, muitas moças e senhoras portuenses, formadas pelas próprias dominicanas, atuaram no Colégio Sagrado Coração de Jesus. Posteriormente, muitos rapazes e senhores, ex-alunos ou não, foram docentes nesta escola, pois até meados da década de 1960, só eram aceitos professores do sexo masculino, se fossem padres ou bispos.

O exercício da docência, propriamente dita, começou em 1961. No colégio Sagrado Coração de Jesus atuou em momentos distintos. Entre os anos de 1961 e 1965 esteve numa fase de experiência, acompanhada de uma religiosa que tudo observava com muita rigidez. “Em 1965, Madre Norbertina foi a Goiânia e trouxe minha nomeação, lecionei lá de 65 a 72 quando fiz o concurso do Estado” (RIBEIRO; MUTA; SILVA, 2007, p. 91).

O itinerário de formação docente perpassa pelo curso Magistério e outros cursos de atualização nas décadas de 1960 e 1970, entre eles, o curso da Comissão do Livro Técnico e Didático (COLTED), criada em 1966 e extinta em 1971. O curso tinha como objetivo treinar professores para o uso dos livros. De acordo com Baldaque (BRASIL, 1968a, p. 85), a COLTED objetivava

a coordenação e a execução de todas as atividades do Ministério de Educação e Cultura, que se relacionam com a produção, a editoração, o aprimoramento e a distribuição de livros didáticos e técnicos em todo o país; cabendo-lhe controlar e executar os programas estabelecidos pelos órgãos signatários do convênio. Representa a COLTED, nesse desempenho, os propósitos do Ministério da Educação e Cultura, de proporcionar ao estudante brasileiro os meios indispensáveis à sua formação e ao desenvolvimento de sua cultura.

A COLTED foi resultado de um convênio entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC), o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e a *United States Agency for International Development* (USAID) (FILGUEIRAS, 2015). Uma de suas finalidades era de treinar os professores e “tinha a intenção, a curto prazo, de melhorar o rendimento didático e pedagógico das aulas ministradas, proporcionando um índice maior de aprendizagem e, a longo prazo, transformar as concepções do professor e do aluno com relação ao livro didático” (BATISTA; SANTOS; SOUZA, 2016, p. 1028).

Outro curso do itinerário formativo docente da tia Jan foi o Programa de Aperfeiçoamento do Magistério Primário (PAMP), instituído no ano de 1963, durante o governo de João Goulart, mas que se desenvolveu, sistematicamente, a partir de 1965, durante o regime da ditadura civil-militar.

O PAMP foi um dos maiores programas de formação de professores leigos do Brasil nas décadas de 1960 e 1970 e tinha por objetivo: a) Realizar a formação do professor leigo, situando-o no quadro do magistério primário; b) atender a criança através do trabalho da elevação cultural do professor não titulado; c) capacitar o professor com o objetivo de combater o analfabetismo; d) diminuir os índices de evasão e repetência escolar (VIANA; SANTOS, 2018, p. 666).

Durante os 11 anos que atuou no Colégio Sagrado Coração de Jesus dedicou-se a maior parte do tempo à educação infantil, ao antigo pré-escolar. Mas atuou, também, com a 4ª série primária e como professora de ensino religioso, na segunda fase. Suas lembranças da prática docente na pré-escola são muitas:

[...] eu banhava os meninos, eles levavam sua toalha; eu fazia sopinha [...] onde funcionava o Jardim de Infância tinha tudo, tinha fogão, era à lenha, e eu arrumava tudo. Depois da sopinha, cada um tinha o seu tapete, eu me deitava com eles, cada dia com um [...] cada dia eles gritavam, titia hoje é comigo, a senhora vai deitar comigo [...] embolava no chão com eles, era muito bom [...] me sentava no círculo, no chão, com eles, eu tinha vinte e poucos anos, e ia cantar, inventava os cantos, cantava os cantos de crianças, contava histórias, inventava histórias para eles [...] muita coisa boa fazia com as crianças (TEIXEIRA, 2022).

Entre as muitas lembranças relatadas do tempo de professora no Jardim de Infância, algumas são memórias tristes, que lucidamente Tia Jan narrou durante a entrevista, se recordando destes acontecimentos, que sempre envolviam os pais.

A turminha do jardim de Infância era grande. Tinha 35 crianças e eu ficava sozinha, mas dava conta direitinho. As crianças eram obedientes comigo [...] certa vez uma aluna, brincando no parquinho que tinham, na hora da recreação, o balanço bateu e feriu muito. Foi um corte fundo, precisou dar ponto, o sangue desceu [...] Irmã Madalena pediu para Irmã Milza levar para o hospital [...] quando o pai, que também trabalhava no colégio no curso secundário, viu sua filhinha toda ensanguentada, acabou comigo [...] Ele disse para a Irmã que tinha colocado a filha no Colégio para as freiras tomarem de conta e não estas professorzinhas [...] foi horrível. Graças a Deus, não aconteceu nada com a menina, logo se recuperou, mas o pai ficou furioso e até com medo dele eu fiquei. Nunca tive inimizade com ninguém, não queria ter com este pai. Mas fui até ele e conversei muito com ele [...] ficamos até amigos depois [...] (TEIXEIRA, 2022).

No Colégio das Irmãs atuava no turno matutino e, após um concurso público para professora no estado de Goiás, passou a atuar em outro período na escola pública, na escola Dom Bosco, no setor Cruzeiro do Sul, popularmente conhecido em Porto Nacional como “Buracão”. Esta escola foi criada por Padre Luso de Barros Matos para atender a comunidade carente daquele setor, sem acesso à escola. Por muito tempo foi mantida pelas doações que o padre angariava, do pagamento dos professores à merenda escolar. No início da década de 1970 foi encampada pelo estado de Goiás.

A partir de 1972, tia Jan passou a atuar somente na escola pública, na antiga escola Dom Bosco, pois foi convidada para outro trabalho. Com a chegada de Dom Celso Pereira de

Almeida, terceiro bispo da diocese de Porto Nacional, houve a necessidade de uma secretária para a Cúria Diocesana. Tia Jan foi recomendada para este serviço e convidada pelo próprio bispo.

Recebi a visita do bispo em minha casa [...] e disse para ele que era uma honra, mas por dois motivos não ia aceitar. Primeiro, eu só tinha o magistério e não me sentia capacitada para isso. Segundo, é que eu trabalho em duas escolas, uma eu não posso deixar porque é do estado e tenho o plano de saúde e as vantagens, e o outro é que trabalho no colégio das Irmãs já tem 11 anos e elas são muito boas comigo, meus filhos não pagam para estudar lá e eu não quero tirá-los do colégio [...] Dom Celso me disse, não se preocupe com isso, vamos lá falar com a diretora [...] Tinha chegado a irmã Teresi para ser diretora [...] que disse: “Dom Celso não faz isso comigo. Jan é tão boa, todo mundo gosta dela, tem tanto jeito com criança, faz isso não, Dom Celso”. “Então o bispo vai ficar sem secretária, só quero se for ela”. Ela disse: “Dom Celso vamos fazer o seguinte: Jan vai procurar uma pessoa para ficar no lugar dela e fazer o que ela faz”. Lembrei de Julita, bati na casa dela e ela aceitou. Cheguei no outro dia cedo no colégio e disse: “Irmã Teresi arrumei uma melhor do que eu, porque é mais nova que eu”. Fiquei por mais uma semana ensinando a Julita o que eu fazia [...] (TEIXEIRA, 2022).

Desta forma, dividiu-se entre as atividades docentes na Escola Dom Bosco e a secretariar o Bispo de Porto Nacional. Com cinco anos que fazia esta jornada foi nomeada diretora da Escola Dom Bosco.

Pensei... o que vou fazer? Mostrei para Dom Celso esta nomeação e disse que não poderia continuar sendo sua secretária. Ele olhou para mim e disse: “Faça na escola o que você tiver que fazer, mas continue trabalhando aqui”. Dobrei meu trabalho. De manhã, de tarde e de noite para dar conta de tudo, mas milagrosamente, tudo se resolvia. Estava muito feliz e realizada com tudo, fazia o que gostava (TEIXEIRA, 2022).

As memórias de tia Jan como diretora da Escola Dom Bosco são muitas. Dentre alguns episódios de sua atuação como gestora escolar por treze anos, tia Jan destacou os cuidados que tinha com os alunos. A escola ficava na periferia, as crianças eram carentes e era o único lugar que tinham para oportunidades.

Visitava as casas das famílias dos estudantes da escola, conhecia todo mundo e sabia a realidade em que viviam, dura realidade [...] Fazia reuniões com as mães, a capela São Judas ficava cheia. Foi um tempo muito bom e não vou esquecer jamais. Tinha uma equipe muito boa na escola, fazíamos as festas e todos participavam. Eram momentos de convivência e fraternidade. Era uma escola pobre e de alunos pobres, mas que havia alegria e todos eram tratados com respeito e dignidade. [...] um tempo me tiraram da direção da escola, coisas da política da época, mas os pais fizeram manifestações, foram conversar com o delegado de ensino, com o prefeito, mas não adiantou nada [...] fiquei um ano fora da escola como diretora e como professora. Passado um ano fui nomeada de novo e recebida com muita alegria pela equipe da escola, pelos alunos e pelos pais. Isso me marcou muito [...] (TEIXEIRA, 2022).

Como diretora da Escola Dom Bosco criou o turno noturno, uma reivindicação da comunidade trabalhadora do setor, que almejava buscar os estudos mais próximo de casa. Com a morte de Padre Luso, fundador e benfeitor da escola Dom Bosco, em agosto de 1987, tia Jan

trabalhou para a mudança do nome da escola para Padre Luso de Barros Matos, que permanece até o momento, mas como uma unidade escolar da rede municipal de ensino.

A partir de 1969, tia Jan passou a atuar como catequista na Paróquia de Nossa Senhora das Mercês. Foram mais de trinta anos como catequista, educadora da fé católica. Alguns documentos oficiais da Igreja Católica explanam que o catequista é uma testemunha da fé, mas é também um mestre, um educador que ensina e partilha a fé (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2001), um serviço pastoral à comunidade eclesial católica, de cunho voluntário. Tia Jan catequizou mais de três mil crianças em Porto Nacional preparando-as para receber a primeira comunhão e fez isso sozinha, não existiam outras pessoas para ajudá-la, não tinha auxiliares, contava com a ajuda dos padres e das Irmãs Dominicanas. Coordenou as missas dominicais para as crianças e o coral infantil composto de seus catequizandos.

As missas eram lindas, todas as crianças tinham uma pasta com as músicas. Fazia muitas criatividade que levavam as mães a chorar de emoção. Realizava retiros, passeios, teatros com as crianças. Todos os sábados pela manhã eram os encontros da catequese. Ensinava a bíblia, a doutrina da Igreja, mas ensinava as coisas para a vida daquelas crianças. Foram muitas que passaram por mim durante tantos anos que me dediquei à catequese. Eu amava fazer isso [...] (TEIXEIRA, 2022).

Para tia Jan, o trabalho como catequista na comunidade católica a realizou, pois era voluntário e de grande dedicação. Preparar as crianças para a primeira comunhão, uma turma a cada ano, e vê-las vestidas de branco, rezando e cantando, enchia seu coração. “Tenho tantas saudades deste tempo [...] Se pudesse começaria tudo de novo” (TEIXEIRA, 2022).

Mãe, professora e catequista. Dedicção à educação em tempo integral como mãe-pai, como professora na educação infantil, como gestora escolar, como catequizadora de gerações. As narrativas emocionadas revelam que o seu itinerário de vida a fizeram vitoriosa e reconhecida na cidade. Contou-nos que certo dia, ao buscar uma consulta para tratamento de saúde foi acolhida festivamente pelo médico. Ao deparar-se com aquele tratamento interrogou se o médico havia sido seu aluno que lhe respondeu positivamente e afirmou-lhe:

Tia Jan, com muito orgulho fui seu aluno e, se hoje estou aqui, devo muito a senhora. Mas só fui professora primária meu filho, nunca dei aula para séries mais adiantadas. E ele me disse que quando se faz bem um primário com uma professora como a senhora, a gente vai longe. Fiquei tão orgulhosa disso [...] (TEIXEIRA, 2022).

Uma ex-catequizanda enviou para tia Jan uma carta, datada de 05 de março de 2013, que abaixo transcrevemos:

[...] Depois de tanto tempo, percebo o quanto aquela época foi importante para a senhora e para todos que a vivenciaram, pois tudo era feito com muito carinho e amor. Era evidente que o trabalho que a senhora realizava com as crianças a deixava muito feliz (...) A senhora foi importante na construção de meus valores e princípios (CARTA PARA TIA JAN, 05/03/2013).

Tia Jan revelou nas entrevistas que o trabalho pastoral voluntário de catequista, que exerceu por décadas, foi sua maior realização, pois educava no caminho do bem, ensinando às crianças a rezar e a serem boas pessoas a partir das virtudes cristãs. “As músicas, os teatros e tudo o que eu fazia era lindo. Ficava feliz e realizada [...] E as crianças aprendiam com os cantos, com as encenações [...] eram histórias que eu mesma inventava, mas passava uma mensagem para a vida deles [...]” (TEIXEIRA, 2022).

Considerações finais

A trajetória da Tia Jan como mãe, professora e catequista representa uma riqueza de vida inexprimível. Não é tão fácil fazer recortes e descrever esta trajetória repleta de rupturas com o estabelecido pela sociedade e de superações, como ela mesma expressou, “de uma via-sacra que ficou dolorosa” (TEIXEIRA, 2022).

Numa sociedade regida pelo patriarcalismo e o machismo em que à mulher era destinada a missão de parir, de cuidar dos filhos e do marido, de zelar da casa e do matrimônio, de ser professora e ajudar na Igreja (MIKA; KLANOVICZ, 2015), tia Jan, abandonada pelo marido e com seis filhos pequenos, concentrou em si as responsabilidades maternas e paternas. Como uma das indispensabilidades do indivíduo é dar sentido a si, ao mundo e a tudo que se vive (GUALHANO, WENCESLAU; ALVES, 2019), tia Jan empoderou-se. Buscou sua emancipação, em meio a inúmeros malabarismos passou a ter domínio e controle sobre sua vida e de sua família a partir de seu trabalho e de uma rede de apoio formada por familiares e amigos. Como professora engajou-se com dedicação no trabalho da docência e da gestão escolar e ganhou reconhecimentos na comunidade. Seu papel como catequista e leiga engajada na comunidade católica tornou-se exemplo de mulher forte, competente, repleta de valores, de caráter, de moral e ética para a sociedade.

A História Oral possibilitou-nos nesta pesquisa o acesso às memórias de Tia Jan cuidada em sua velhice no seu lar acolhedor. As entrevistas captaram experiências de mãe, professora e catequista, ícone na centenária Porto Nacional. A História Oral possibilitou a produção de conhecimento, a ativação e a atualização do passado, bem como a interação entre entrevistada e entrevistador, que gerou fluidez nas conversas e possibilitou a estruturação deste texto, primeiro fruto de uma colheita que parece ser farta.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (*org.*). **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. 2ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. **Educação e memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944)**. Brasília, 2009. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, UnB.

BATISTA, Carmyra Oliveira; SANTOS, Edilene Simões Costa dos; SOUZA, Mônica Menezes de. A Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) e o treinamento de professores para o uso do livro didático. In: DASSIE, Bruno Alves; COSTA, David Antonio da. **Anais do 3º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática**, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. p. 1025-1036.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Conferência Objetivos atuais e futuros da COLTED**, proferida por Ruy Baldaque na II Semana de Estudos COLTED. São Paulo: 1968.

BRESSANIN, César Evangelista Fernandes Bressanin. **A Ordem Dominicana nos Sertões do Norte: Entre missões, desobrigas, construções e projetos educativos em Porto Nacional**. Palmas: Nagô Editora, 2017.

CAIXETA, Vera Lucia. **Médicos, padres, sertões: o norte de Goiás no relatório de Arthur Neiva e Belisário Penna e nas narrativas dos seus interlocutores goianos (1916-1959)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

CHARTIER, R. **A História Cultural**. Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1990.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral Para a Catequese**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

DOURADO, Benvenida Barros. **Educação no Tocantins: Ginásio Estadual de Porto Nacional**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

FILGUEIRAS, J. M. As políticas para o livro didático durante a ditadura militar: a COLTED e a FENAME. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 12, n. 45, p. 85-102, jan./abr. 2015.

FINGER, M.; NÓVOA, A. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde-Depto. de recursos humanos da saúde. Centro de formação e aperfeiçoamento profissional, 1988.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. 3ª ed. Campinas/SP: Papyrus, 2006.

GARCIA, C. M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

GOODSON, I.F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto 1995.

GUALHANO, Fernanda Abreu; WENCESLAU, Luís Ricardo Soares; ALVES, Lídia Maria Nazaré Mulheres empoderadas: a não segmentação do patriarcalismo. In: Silva, Arlene Batista da et all. (org.) **Literatura e artes, teoria e crítica feitas por mulheres**, II. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2019.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1995.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, Suzana L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de história oral**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MESSIAS, Noeci Carvalho. **Porto Nacional: patrimônio cultural e memória**. Goiânia: PUC Goiás, 2012.

MIKA, Adriana; KLANOVICZ, Luciana Fornazari. Trajetórias de professoras: Histórias de vida e marcas de gênero. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.4, nº8 jan-jun, 2015.p.127-147.

NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Entre o sertão e o litoral: cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2010.

PÉREZ-GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor - A formação do professor como profissional reflexivo In: NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**. Perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

RIBEIRO, Benvinda Barros Dourado; MUTA, Ana Pereira Negy; SILVA, Edwardes Barbosa da. **Memórias de professores portuenses (1940-1980)**. Porto Nacional: Pote, 2007.

SOUZA, Ioneide Maria Piffano Brion de. Construindo identidades: a Pia União das Filhas de Maria e o catolicismo romanizado. **Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio**. Memória e Patrimônio. 19 a 23 de julho de 2010.

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J.; MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Humano**. 2006;16(3):104-113

TARDIF, M.; LESSARD, C. & LAHAYE, L. Os professores face ao saber. Esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação**.v. 4, p. 215-233, 1991.

VIANA, Elane Marcia Silva; SANTOS, Cláudio Eduardo Félix dos. Política de Formação de Professores leigos na Ditadura Civil-Militar e a memória de Educadores no sertão da Bahia (1967 – 1983). **Tempos Históricos**, Volume 22, 2º Semestre de 2018. p. 659-678

Entrevista

TEIXEIRA, Jan Macedo. [86 anos]. [març. 2022]. Entrevistador: César Evangelista Fernandes Bressanin. Porto Nacional, TO, 08 março de 2022.

Documentos

CARTA PARA TIA JAN. Sara Martins Manduca. 05/03/2013. Pasta de Documentos Jan Macedo Teixeira, Arquivo Pessoal.